

## ERICO VERISSIMO E A CRÍTICA BRASILEIRA

---

IR. ELVO CLEMENTE\*

---

Dez anos após o passamento de Erico Verissimo, ao celebrarmos os oitenta anos do nascimento, recordamos o grande contador de histórias, alma de tantas gerações. A recepção e a crítica do romancista é tarefa lisonjeira mas carregada de dificuldades e de complexidade. Restringimos o campo de pesquisa à crítica publicada em livros. A crítica brasileira esteve presente nos 45 anos de atividade literária de Erico Verissimo e após a sua morte a obra continua a merecer trabalhos de crítica como este que acaba de ser publicado por Wilson Chagas, na Editora Movimento, 1985 sob o título bem significativo: **Mundo Velho sem porteira.**

Ação especial desenvolveu Flávio Loureiro Chaves: organizador dos "40 anos de vida literária de Erico Verissimo — **O Contador de Histórias**" publicado pela editora Globo em 1972; organizador da edição póstuma de **Solo de Clarineta II**, publicada em 1976; e do primoroso estudo — **Erico Verissimo: Realismo e Sociedade**, edição da Globo em 1976. O trabalho de Flávio Loureiro Chaves balizou a crítica brasileira sobre a obra do grande filho de Cruz Alta.

---

\*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Nesta exposição cuidei de buscar respigar nos livros, a meu alcance, as opiniões de críticos literários de mais renome sobre a obra e a pessoa de Erico Verissimo.

Preocupe-me com a posição de Alceu Amoroso Lima na série de **ESTUDOS** onde não aparece nenhuma referência à obra de Erico Verissimo, pelo simples fato de serem anteriores a 1930. Depois na **Introdução à Literatura Brasileira** ao descrever o homem do Sul parece que Tristão de Athayde tivesse em sua presença o autor de **Olhai os lírios do campo**: "A análise psicológica do sulista revela o homem que faz preponderar a razão sobre o coração, a vontade sobre a agitação. É do Sul que vem o espírito de plano e de construção para a nacionalidade" (p.164, Lima A. Amoroso, Rio 1956).

Em maio de 1974, em entrevista gravada pelos alunos da PUCRJ, transcrita por Gilberto Mendonça Teles à pág. 571 do livro **Tristão de Athayde, teoria, crítica e história literária 1980**, assim se exprimia o grande e insuperável crítico literário: "Temos romancistas de grande categoria que vão ficar, mas menos representativos de uma universalidade do que representativos de uma região, como Erico Verissimo. Eu o considero um romancista extremamente importante, do ponto de vista regional, de um ponto de vista que não se preocupa com a originalidade de expressão. Por sua vez, o próprio Erico Verissimo também tem repercussões universais" (Teles, G.M. 1980 p.571). Pelo que se depreende Alceu Amoroso Lima não era muito entusiasta da obra do escritor de "O Tempo e o Vento". Em a **Introdução à Literatura Brasileira** refere-se ao romancista, de passagem, com uma frase vaga; "Otavio de Faria, Jorge Amado, Erico Verissimo, Gustavo Corção são **grandes romancistas** que até hoje desdenharam o Conto" (Teles, G.M. 1980 p.545).

De maneira vaga também se refere Manoelito de Ornellas em "O Rio Grande do Sul nas letras do Brasil" — (PUCRS, 1965 p. 38): "Entre essa geração magnífica de poetas, romancistas, oradores e ensaístas afirma-se o prestígio internacional de Erico Verissimo, o genial criador de **O Tempo e o Vento**."

Do mesmo modo Antonio Quadros citado por Nelly Novaes Coe-

lho em (**Literatura e Linguagem** p.256): "Como a tantos da minha geração foram os livros de José Lins do Rego, de Erico Verissimo, de Jorge Amado, de Graciliano Ramos, que me abriram os olhos para a realidade cultural do Brasil".

Nelly Novaes Coelho (p.307, Rio 1974) também genericamente se refere: "Ainda entre as obras de registro histórico que focalizam indistintamente o passado (as raízes que explicam um povo) ou o presente social destacam-se as de Erico Verissimo: Trilogia, **O Tempo e o Vento**: **O Continente**, **O Retrato** e o **Arquipélago** (1949-1962).

Luciana Stegagno Picchio em **La Letteratura Brasiliana** tem uma posição interessante sobre o nosso escritor: "La prose fino al 1945 appare comunque solo come un esercizio preparatorio della grande prosa narrativa realizzata con **O Tempo e o Vento**, storia dell'uomo e del paesaggio in un Rio Grande do Sul ben diverso da quello saporoso di storie e di linguaggio gauchesco, presentatoci da Simões Lopes Neto" (p.537/8).

A professora da Universidade de Roma assim se refere ao último romance: "L' ultima conquista è, per Verissimo, **Incidente em Antares** (1970) che da romanzo dicostumi si trasforma in traslata meditazione sul tema della morte e dell'intolleranza. Una favola attuale, di grande bellezza e di grande coraggio" (Picchio, Luciana Stegagno, p.538, 1972).

Em **Jornal de Crítica** 1ª série, Alvaro Lins, em 1941 escreve uma curiosa crítica sobre a obra de Erico Verissimo em que coloca **Saga** numa situação de inferioridade total "romance de posição mais que secundária". Recrimina o estardalhaço de publicidade com que o livro foi lançado, que criou, antecipadamente para o novo romance um ambiente de expectativa simpática e acolhedora. A leitura do livro, porém, logo se encarregou de transformar a expectativa numa indisfarçável decepção. Confesso, aliás, que me senti tentado a colocar por cima desta crônica o mesmo título que Anatole France usou para fazer a crítica de um romance de Georges Ohnet: **Hors de la littérature**. Mas verifiquei que, sendo merecido para **Saga**, o título era injusto para o Sr. Erico Verissimo. Deve-se reconhecer e afirmar que ele possui um

talento e um espírito de romancista. "O crítico enaltece as qualidades, e a força romanesca de **Caminhos Cruzados**. Nesse romance o autor alcançou a felicidade do sucesso, depois foi piorar e chegou ao pior em **Saga**... "Não é mais o romancista que impõe a sua arte, como em **Caminhos Cruzados**; é o público que lhe impõe o seu gosto e as suas preferências" (Lins, Alvaro p. 84, 1941). Na 2ª série de **Jornal de Crítica** (1943) Álvaro Lins anota apenas o aparecimento do livro de viagem aos Estados Unidos: **Gato Preto em Campo de neve**. Promete voltar a ele nas próximas crônicas e realmente não volta. Teria sido esquecimento ou atitude desmerecedora de atenções?

Caberia, nesta altura, uma reflexão do mestre Guilhermino César: "A denúncia só pode circular em certos momentos por meio da sátira à Swift. Pois é no seu panfleto — **Exame de certos abusos, concepções e atrocidades da cidade de Dublin**, publicado em 1733, que estamos pensando agora ao fim dessas reflexões sobre os três últimos romances de Erico Verissimo. Não porque os seus enredos se pareçam, mas porque em ambos os autores — o irlandês e o rio-grandense a intenção de castigar os costumes vem a ser um ato de amor: o homem não é irremediavelmente mau; o coitado não tem vagar para ser essencialmente bom" (**O Contador de Histórias** — O romance social de Erico Verissimo, Guilhermino César p. 52 a 70).

Nessa maneira de ver Erico Verissimo é comovente, pois se considera mais o lado humano que o lado (grandeza e fraquezas) do artista.

Antonio Candido dá a seu depoimento o título com duas datas — Erico Verissimo de trinta a setenta, daí o subtítulo do livro, organizado por Flávio Loureiro Chaves. De sua análise dos romances, dos personagens, dos espaços romanescos, o crítico conclui com estas palavras: "E na atmosfera mágica do insólito, o bisturi finíssimo do autor vai recortando em molde realista a figura da verdade, com a mesma coragem serena, o mesmo engajamento desencantado e firme, a mesma crença irônica e inabalável dos livros precedentes (refere-se aqui a **Incidente em Antares**) que vieram marcando, de **trinta a setenta** o caminho do

humano, nunca demasiado humano" (**Contador de Histórias**, Antonio Candido p.51).

Jorge Amado tem admiração especial, como Álvaro Lins pelos **Caminhos Cruzados** "romance poderoso, rico de substância humana, de ambientes e de ações romances, galeria de figuras e conflitos que permanece, a meu ver entre os maiores da década de 30. (Contador de Histórias, Jorge Amado, p.32). Refere-se também a **Incidente em Antares**, leitura feita longe do Brasil: "Li **Incidente em Antares** nos USA, numa cidade universitária, entre jovens ardentes, em meio aos problemas colossais do mundo de hoje. De repente nas páginas de Erico Verissimo, o Brasil inteiro invadiu o pequeno apartamento estrangeiro, e o calor do trópico fundiu a neve lá fora. Tenho amado, no correr desses quarenta anos, os livros de Erico Verissimo, todos eles, alguns mais que outros; nenhum me comoveu tanto quanto este último, talvez porque o tenha lido assim, distante do Brasil, nele reencontrando minha gente, o bom e o ruim, a alegria e a tristeza, a opressão e a luta pela liberdade, o Brasil inteiro, cerne da obra de Erico Verissimo, pelo mundo (**Contador de Histórias**, Erico Verissimo pelo mundo afora, Jorge Amado p.34).

Otto Maria Carpeaux sob o título — Erico Verissimo e o público, assim enaltece a figura e a personalidade do escritor: "Erico fala aos brasileiros. Também fala em nome dos brasileiros. Diz o que importa ao brasileiro: para o leitor e seu romancista são importantes o amor e a família, mas também a aventura, sob a condição de que o caminho o leve de volta para casa; só dentro dela encontra o brasileiro anseio tão profundo que enfim, na obra de Erico Verissimo, até os mortos estão falando dela e sonhando com ela: é a liberdade" (**O Contador de Histórias** p.39).

Flávio Loureiro Chaves coloca em seu livro (dissertação de Mestrado) uma Nota prévia que vale uma crítica completa: "Do painel urbano de **Caminhos Cruzados** à denúncia política do **Incidente em Antares**, passando pela reflexão histórica traçada em **O Tempo e o Vento**, a ficção de Erico Verissimo alcançou uma notável pluralidade de perspectivas. Mas o seu tema itinerante,

ao longo de quarenta anos de produção literária, sempre foi a crise da liberdade individual neste nosso mundo devastado pela violência física e ideológica. É a partir daí que se define a extrema coerência de uma atitude humanista e o modelo realista que, sob muitos aspectos renovou o romance brasileiro moderno" (Chaves, Flávio Loureiro, p. XI — **Erico Verissimo: Realismo e Sociedade**, Ed. Globo 1976).

Jean Roche realizou uma análise estilística de **O Continente**, considerado obra prima de Erico, demonstrou com algarismos significativos que o autor realizou pesquisas estilísticas com cuidado ou ânsia de aperfeiçoar a obra que escreveu (**O Contador de Histórias**, p.215, 1972).

Regina Zilberman, assídua, zelosa e conspícua estudiosa os literatura sul-rio-grandense conclui seu artigo sobre "**O Contador de Histórias** — Do mito ao romance, com as seguintes ponderações: "O romance-história de uma estirpe constrói-se dentro de uma oscilação entre o mito, porque não pode ser epopéia, já que não mais vivemos concretamente o tempo da origem e é somente aquela forma que o traz de volta, e o romance, que atesta a realidade temporal circundante. No romance é imposto a cada homem construir a sua vida defrontando-se com os valores, validando-os ou não, num esforço onde o recorrer ao passado poderá servir, mas não constituirá a resposta desejada" (**O Contador de Histórias**, p.193, 1972).

Donaldo Schüller volta a "**O Continente**" com o estudo do tempo, eis a sua observação final: "São muitos os aspectos tradicionais no romance de Erico Verissimo. Não se lhe percebe intenção de renovar o diálogo, recriar a linguagem ou reinventar a sintaxe. Tudo se passa com tanta familiaridade que o texto cai no esquecimento, diante do variado mundo ficcional. Consegue-se ler Erico Verissimo sem esforço, e esta é uma das causas de sua popularidade" (**O Contador de Histórias**, p.174, 1972).

Fábio Lucas caracteriza o romance realista em Erico Verissimo, destina-se em grande parte, a negar a moral de classe e a afirmar o direito de todos à justiça e à felicidade. Critica a sociedade que põe valores inatingíveis num sistema de rela-

ções comerciais. E conclui: "A sociedade está em choque consigo mesma pois conhece os seus ideais e não pode praticá-los (O Contador de Histórias, p.149, 1972).

Fábio Lucas traz à memória uma entrevista de Erico Verissimo a propósito de **Incidente em Antares** quando o escritor assinala: "Não sou homem de idéias. Sou antes um enamorado da comédia humana e dos aspectos plásticos do mundo" (Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, 13/3/1972). O crítico contesta o escritor: "Diríamos que nem tanto assim. Especialmente com um romancista que deseja preservar a tradição do realismo social, torna-se difícil, se não impossível, evitar a irrupção de um ideário. O ficcionista gaúcho cultivava as oportunidades de comunicar as teses de sua formação liberal" (O Contador de Histórias, p.154, 1972).

Moysés Vellinho foi dos maiores e dos mais profundos conhecedores da pessoa e da obra de Erico Verissimo. Foi o crítico sereno, tranqüilo e perspicaz que acompanhava com carinho e severidade o desenrolar da obra do grande romancista.

Ao abrir seu artigo "Um Contador de Histórias" Moysés faz a pergunta: "Apenas um Contador de Histórias? A sucessiva repetição dessa afirmação leva a desconfiar... É um revide malicioso àqueles que resolveram banir da ficção, como elemento subalterno, o humilde fio da meada, o encadeamento episódico, numa palavra — a história" (p.103, 1972). Era naquela época da fúria do roman-nouveau em que autores estrangeiros e brasileiros procuravam escrever romance sem história...

O crítico Moysés Vellinho põe em realce as qualidades e os recursos do romancista: "Não resta a menor dúvida que o escritor, particularmente o da maturidade põe a descoberto, na ficção como nos depoimentos e impressões de viagem, os dons de um narrador de recursos inesgotáveis dos maiores de nossa língua. A serviço desses dons, pródigos na sua versatilidade, na sua graça e fluência, em estilo vivo, extraordinariamente plástico, sempre atento, atento como um felino, à presença de quanto lhe fale aos sentidos. O que lhe importa mesmo, sem recusa nem opções, é o assunto, e objeto" (O Contador de Histórias, p.104, 1972).

Moysés Vellinho em sua acuidade crítica preocupou-se com o fato de a novela **Noite** aparecer de surpresa no meio da elaboração da Trilogia, quando dois terços da mesma estavam feitos. **Noite** é sem dúvida "um acidente brusco, desconcertante. Dá mesmo para melindrar sensibilidades desprevenidas. Não pelo que há de fantástico e irreal em tudo aquilo, desde o cenário até os figurantes, mas porque, além de quebrar de chofre o largo compasso de **O Tempo e o Vento**, veio contrastar violentamente com o clima a que o romancista afeiçoara seus leitores" (**O Contador de Histórias**, p.107, 1972).

Nesse solavanco ou sobressalto de **Noite** se pode surpreender o outro lado, o lado clandestino de sua alma... Ninguém soubesse a que ia por baixo de sua história" (**O Contador de Histórias**, p.105, 1972). Aí está um desafio lançado há quinze anos pelo nobre crítico rio-grandense, quem responderá às suas perguntas, quem desvendará o outro lado, o lado oculto da alma de Erico Verissimo?

Alceu Amoroso Lima manteve-se bastante parcimonioso no estudo das obras de Erico Verissimo ao longo de seu aparecimento. Quando solicitado a contribuir com um artigo para **O Contador de Histórias** respondeu com um extenso artigo sob o título: **Erico Verissimo e o antimachismo**, o que surpreendeu os leitores e críticos mais superficiais. Os argumentos do mestre Alceu são firmes e irrefutáveis. Tece uma série de elogios a **Saga**, romance detestado e vilipendiado por Álvaro Lins... "É patente, em toda obra de Verissimo a tensão entre os dois pólos do espírito ibérico: a alma heróica e a alma lírica; a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina; o prosador e o poeta. Em **Saga** irmanados pelo mesmo idealismo coloca lado a lado os que têm horror à violência, e nela se jogam para suprimi-la e os que lutam por amor da luta como finalidade em si (p. 92, 1972).

Conclui Alceu Amoroso Lima com estas palavras: "Em sua obra, a contradição humana bissexuada, em sua miséria e em sua grandeza infinitamente maior que o machismo, em sua tola vaidade viril."

Essa concepção da vida é que penetra toda a obra de Verissimo, tanto em seu aspecto universal como em seu aspecto regional.

E a obra de Erico Verissimo não só foi muito traduzida mas encontra eco fora de nossas fronteiras, porque revela uma galeria de tipos e uma concepção da vida que não se confinam entre fronteiras, nem nacionais, nem muito menos regionais (*O Contador de Histórias*, p.95, 1972).

Outra posição de crítica à produção de Erico Verissimo é a de Gilberto Mendonça Teles (*A Retórica do Silêncio* p.11): "Quando escrevemos sobre o romance *O resto é silêncio*, de Erico Verissimo, anotamos que, para Hamlet, todo o tempo da história flui como linguagem até o instante de sua morte e que Shakespeare enfatizou a literaridade de seu discurso fechando-o no tempo da linguagem, pois fora desta o **resto** era realmente **silêncio**. "Assim também se dá com o romance de Erico Verissimo, com a diferença de que, neste, a redução ao silêncio é declaradamente anterior à narrativa, colocando de início o leitor num processo consciente de recriação ou de co-produção literária." Para Erico, o título era um aviso: tudo isso não passa de ficção; para Shakespeare, o final de um discurso: "The rest is silence". O livro de Erico, ao mesmo tempo que se **fecha** no silêncio de sua linguagem, **abre-se** para outro nível de silêncio — o do leitor, na refabulação agora de sua leitura. Por isso dissemos: "No arco de tempo que se estende entre a **escritura** e a **leitura** há toda uma retórica do silêncio, um sistema de signos em disponibilidade sobre uma estrutura de discurso quase sempre metonímico". E concluímos o artigo dizendo: "É portanto, na eficácia retórica em fazer a língua instaurar-se no silêncio da linguagem que se empenham os grandes escritores de nossa época, tal como Tônio Santiago, digo, tal como Erico Verissimo".

Concluirei esta visão muito rápida à vol d'oiseau sobre a crítica brasileira sobre Erico Verissimo pesquisada em alguns livros apenas com as palavras de Flávio Loureiro Chaves que se irmanam com as de Alceu Amoroso Lima: "Ao final de *O Tempo e o Vento*: Floriano conclui que a liberdade individual não é a a-

alienação mas o compromisso e por isso inicia um romance diferente de todos os que escrevera: a nomeação histórica de sua região, de sua família e de si mesmo. Aí se cumpre o acordo entre a obra e o homem. Esta é a síntese do itinerário de Erico Veríssimo, autor e personagem deste drama no qual o romancista, embora desencantado do mundo presente, jamais deixou de observar o homem na sua humanidade e a vida como um convite à ação" (Chaves, Flávio L., p.154/55, 1976).

\* \* \* \*

#### BIBLIOGRAFIA

- CHAGAS, Wilson. **Mundo velho sem porteira**. Porto Alegre, Movimento, 1985.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Veríssimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre, Globo, 1976.
- CHAVES, Flávio Loureiro (Org.) **O contador de histórias** (40 anos) Porto Alegre, Globo, 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. Rio, Livraria José Olympio, 1974.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução à literatura brasileira**. Rio, Livraria Agir, 1956.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Estudos** (5 séries). Rio, Livraria Agir, 1927.
- LINS, Alvaro. **Jornal de crítica** (1ª série). Rio, Livraria José Olympio, 1941.
- LINS, Alvaro. **Jornal de crítica** (2ª série). Rio, Livraria José Olympio, 1943.
- ORNELLAS, Manoelito. **O Rio Grande do Sul nas letras do Brasil**. (Resenha histórica - PUCRS - 1965).
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **La Letteratura Brasiliana** - Sansoni/Academia, Firenze - Roma, 1972.
- TELES, Gilberto M. **A retórica do silêncio**. Rio, Cultrix/MEC, 1979.
- TELES, Gilberto M. **Tristão de Athayde, teoria, crítica e história literária**. Rio, Livros Técnicos e Científicos, 1980.